

49/06/05
maio de
notícias
p. 2

PARIS, maio, 1949 — Alguns admiradores de Balzac já se mostram inquietos ante certas perspectivas da dupla comemoração que, anunciada para este ano, em Tours, com o terceiro cinquentenário de seu nascimento, se prolongará até 1950, em Paris, com o primeiro centenário de sua morte.

O projeto de transferência dos restos mortais do autor da *Comédia Humana* para o Pantheon, que o Conselho Municipal parisiense aprovou por unanimidade de votos, suscitou as objeções de natureza doutrinária ou histórica, já brevemente comentadas em correspondência anterior. Juntam-se agora a elas outras reservas, estas de ordem sobretudo sentimental, e no entanto ponderáveis. Não seria mais plausível que o criador de *Pere Goriot* continuasse a descansar com sua criatura naquele *Pere Lachaise* de onde Rastignac largou a Paris sua famosa apostrofe?

Outro perigo viria talvez da possibilidade da organização, igualmente prevista, de um grande Museu Balzac chegar a destruir tudo quanto nos resta da atmosfera onde decorreu a vida íntima do romancista. Dessa atmosfera ainda existe uma lembrança que em sua modestia não sei se em algum desalinho de apariência evoca melhor o que sabemos da figura de Balzac.

Das suas dez moradias parisienses de que há notícia, na maior parte demolidas ou desfiguradas pelo tempo, a da rua Raynouard n. 47 é que recorda, uma das raras mais agitadas e também mais produtivas de sua existência. Depois de viver ali sete anos consecutivos ele iria morar e morrer num apartamento da rua que tem hoje seu nome, onde uma inscrição e uma estátua rememoram o fato. Mas é em Passy, não para os lados da Etoile, que estão melhor preservados os fatos de sua vida parisiense.

A habitação da rua Raynouard, a dois passos do Bois de Boulogne, conserva-se como a deixou Balzac em 1847. Desapareceu somente a casa que antigamente lhe dissimulava a fachada. Construída abaixo do nível da rua, é acessível por um pequeno pátio. No interior, o conservador da Maison de Balzac, Mr. André Chancerel, detém-se por vezes, com prestimoso zelo em enumerar e esclarecer para o visitante algumas curiosidades biográficas relacionadas com a estada do romancista na habitação. E quando o visitante é brasileiro não deixa de exibir-lhe o primeiro volume da edição em português da *Comédia Humana* empreendida pela Livraria do Globo ou de referir-se à correspondência que manteve com seu organizador, o sr. Paulo Ronai. O volume acha-se exposto entre algumas peças preciosas da bibliografia balzaquiana, na sala que servira de dormitório ao romancista no seu refúgio de Passy.

A palavra "refúgio" há de ser entendida aqui em seu sentido literário. Na saleta de entrada, junto à porta, pode-se ler, enquadrada, o trecho de carta dirigida a condessa Hanska, que mal traduzida diz isto: "A partir do momento em que esta lhe chegar às mãos, meu endereço é o seguinte: Monsieur de Breugnol, Rue Basse n. 19, em Passy, perto de Paris. Aqui permanecerá escondido por algum tempo".

A carta traz a data de 16 de dezembro de 1840. O algum tempo de Balzac deveria prolongar-se, no entanto, até 1847. A época de sua residência, a comuna de Passy, ainda não tinha sido anexada, conforme se vê, à metrópole parisiense, o que só se daria bem mais tarde, e a rue de Raynouard não recebera a denominação atual.

Aqui, bem melhor do que na

rue Cassini ou na des Marais, ele

pode prosseguir num relativo des-

canso, a composição de seu quadro

monumental da sociedade francesa,

ao mesmo tempo em que se dis-

taria em sonhar de grandeza mun-

diana. Mas nem assim se libertou

das importunações, e ainda pode

ser visto o alçapão por onde ga-

nava a rua, quando localizado e

perseguido por algum credor mal-

eritente.

Apesar disso, teve sossego para

imaginar e escrever mais de uma

dezena de obras e, entre elas, dois

romances que figuraram entre suas

criações mais extraordinárias: foi

esta saleta dos fundos que nas-

ceram em 1846 o "Cousine Béte"

e, em 1847, o "Cousin Pons".

For menos que se queira acen-

tar a importância do pormenor

biográfico na elaboração de uma

obra literária, é impossível neste

caso, não tentar associar de al-

gun modo à ascendência alcançada

em sua vida pelas preocupações

monetárias, o decisivo papel que

elas desempenham em seus livros.

Retratando a sociedade surgida das

cinzas do Antigo Regime, o que

é esse apreço, em suma, é uma

projeção em gigantesca escala do

seu drama cotidiano. A teia dos

interesses econômicos vai formar

como um pano de fundo para sua

nova criação: há apenas um

exagero grosseiro, nada mais, em

dizer-se — e já houve quem o dis-

sesse — que Balzac foi o Carlos

Marx do romance.

Os negócios financeiros, pesadelo

contante de Monsieur de Breugnol

tornam-se o lucro dessa socie-

de e é interessante reproduzir

a esse propósito uma signifi-

cativa passagem de Eugenie Gran-

det que se poderia interpretar co-

mo o esboço de uma apologia pes-

soa. "Os avarentos", diz, "não crêm numa existência vindoura;

o presente é tudo para eles". Essa

reflexão ilumina de uma luz te-

trívia a era em que vivemos onde,

mas do que em qualquer outra,

o dinheiro domina as leis, a po-

lítica, os costumes. Instituições

livres, indivíduos, tudo conspira

para manter essa crença na vida

futura que há mil e oitocentos

anos serve de fundamento para o

edifício social. Chegar "per fas et

ne fass" ao paraíso terrestre do

luxo e dos prazeres vaidosos, de-

trifilar o coração e macerar o pró-

prio corpo em favor de vantagens

passageiras, assim como outros em

outros tempos, sofriam o martírio

pela posse de bens eternos, eis o

pensamento geral! Pensamento

inscrito aliás, em toda parte e até

mesmo nas leis, que perguntam ao

legislador: "O que fazes?"

Balzac, que nunca pôs em prá-

tica esse moderno ascetismo, que

sempre se mostrou o extremo

de um avarento e que, como

os antigos mártires, professava

a crença na vida eterna era,

por muitos outros aspectos, um

A CASA DE BALZAC

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

arauto e representante dessa época que mereceu seu anatema. Um estudioso da obra balzaquiana, Ramon Fernandez, observou com agudeza que pela primeira vez na história das literaturas, o destino do homem e sua condição se traduzem aqui em termos de protestos ou de letras escritas e assinadas confusamente. A falência e o inferno de Balzac assim como as dificuldades monetárias são o seu purgatório.

E não obstante o epílogo catástrofico de muitos desses dramas financeiros, na nos livros, tanto como na vida de Balzac, um otimismo invencível que parecerá mais adequado para exprimir uma sociedade em ascensão do que um mundo em declínio.

Quem percorre atentamente as salas da casa onde viveu sete anos de uma vida agitada por contínuas incertezas ou perseguida por aspirações jamais saciadas, não deixará de notar entre os seus numerosos retratos que se ostentam a uma das paredes, o desenho que feito Benjamin fez para o Pantheon Littéraire. Dessa pobre caricatura disse no entanto Champfleury que é o único retrato efetivamente "vivo" do autor da *Comédia Humana*. Para o leitor de Balzac não parecerá incrível que aquela fisionomia aberta numa imensa gargalhada pertencesse realmente a um homem de imagina-

ção tragicó. Entretanto, tomadas em conjunto, suas tragédias não mais do que as sombras lugubres e necessárias de um grandioso painel. Aspirando a vida veliginosa de seu tempo, ele encarnou as virtudes e os vícios que lhe eram característicos. E também acrecentou, ao seu modo (que também era o da época) num paraíso futuro e terreno propiciado pelos progressos materiais, onde se agravavam todas as contradições da hora presente.

Nas visitas que lhe acarretou uma existência intranquila, cheia de dissipações e de imaginações utópicas, soube preservar continuamente o bom humor satisfeito que se retrata na caricatura de Benjamin. E ainda em muitos outros pequenos pormenores que o visitante pode apreciar na Maison de Balzac. Alguns deles já fartamente conhecidos, como o do paleóforo emblematizado onde deixou escrito do próprio punho: "Ici un Kembraut".

Um contato com a atmosfera que ainda se respira na casa da rue Raynouard é um dos caminhos para o melhor conhecimento da vida e da obra do romancista. E a boa esperança dos apreciadores dessa obra é que não se destigue para sempre esse pequeno abrigo balzaquiano, perdido no meio da metrópole moderna, com as comemorações oficiais em perspectiva.

Dona Veridiana Valeria de Silva Prado não tenho ne poderia ter senão uma impressão vaga. E na arte da biografia e impressionismo não basta salvar o impressionista do perigo de ser inexato na tentativa de interpretação, e não apenas reconstituir puramente documental, da pessoa biografada. Entanto, é uma das figuras de maior interesse de quem mais preciso aproximar para a compreensão período de vida nacional que curarei interpretar no ensaio *dem e Progresso*.

Não tive ainda a oportunidade de estudar a meu gosto e a modo, examinando relíquias e peças velhas, folheando álbuns retratos de família e seções anúncios de jornais, conversa com gente antiga, visitando casas velhas, impregnando-me do ambiente em que a pessoa morta xou traços de vida e de carácter descobrindo suas preferências cárdeas, de comida, de animal, planta, de vestido (preferências várias contraditórias mas sempre esclarecedoras como esta milhares desprezível: o fato de asceta rude como o padre Ibarra feito sempre questão de usar ceroulas finas), opondo documento isolado, por mais gênioso ou afirmativo, a posição do conjunto revelada ou sugerida pela reunião de muitos — nunca tive a oportunidade de estudar desse modo, que meu, a brasileira ao mesmo tempo conservadora e revolucionária foi Dona Veridiana: mulher rompendo com o sistema doméstico, que era o patriarcal, de ser uma simples e doce fazedora de filhos e netos, de